

Grupo Terapêutico:

diminuindo impactos da violência familiar em crianças¹

Veruska Galdini²

1. Introdução

Durante os 17 anos de existência da ACER, temos encontrado crianças³ que apresentam uma referência muito negativa da relação interpessoal, gerando dificuldade de se relacionar com adultos e com outras crianças; que iniciam sua vida sexual precoce e arriscadamente; que fazem uso abusivo de álcool e drogas e que demonstram autonomia excessiva para a faixa etária - um excesso de independência ou de responsabilidade que traz prejuízos para todos os aspectos da vida, pois é como se acreditassem que podem viver sozinhos, “dar conta de si mesmos”, desconsiderando o outro e as regras sociais em suas vidas. Crianças que vivem suas primeiras relações interpessoais e de confiança primária com familiares que os tratam com violência, abuso sexual e negligência. Para elas, criamos o Grupo Terapêutico.

O objetivo do Grupo Terapêutico é transformar, através de relações afetivas, a autonomia excessiva (na qual a criança acredita que pode fazer as coisas por si só desconsiderando outras pessoas e regras sociais) em autonomia saudável, aquela em que ela crê na sua capacidade de agir só, negociando seus desejos com as pessoas e convivendo com regras sociais, considerando os prejuízos a si mesmo e aos outros; se preocupando e cuidando dos que a circundam.

2. Gênero e faixa etária

O Grupo é composto por no máximo 10 meninos ou meninas, da faixa etária dos 10 aos 13 anos. O educador também deve ser do mesmo gênero dos participantes. Pela nossa experiência, o diálogo entre pessoas do mesmo gênero facilita a mediação dos relacionamentos com outras pessoas e a vivência das regras sociais. Além disso, percebemos que na realidade social daqueles que atendemos faltam espaços onde possam tratar de assuntos com pessoas do mesmo sexo.

Tânia foi educadora social do grupo “Universo Feminino” e diz:

Num determinado momento, as meninas queriam fazer atividades ‘de meninos’: empinar pipa, jogar bola, videogame... mas não tinham paciência (para ficar muito tempo nessas atividades). Foi um mês e meio ou dois experimentando ser menino. (...) Até convidaram o Daniel⁴ para ajudar nas atividades: elas foram soltar pipa e os meninos do grupo dele foram ajudar! E aí começou a rolar uma ‘paquerinha’... viram uma oportunidade de aproximação. Também

¹ A elaboração deste artigo contou com a participação de Daniel Kina, Raquel Formigari, Ary Potyguara, Jonathan Hannay numa discussão em grupo com objetivo de identificar as definições do grupo terapêutico expostas aqui. E também com Yuri S. Nunes e Carlos Mecchi para redação e editoração do texto.

² Coordenadora de Pesquisa e Formação da Associação de Apoio à Criança em Risco – ACER: www.acerbrasil.org.br. Mestre em Psicologia Social pela PUC-SP.

³ Como a ONU, usaremos a palavra criança para definir pessoas menores de 18 anos.

⁴ Daniel Kina também foi educador social de grupo terapêutico.

conversavam sobre “relacionamentos: ‘estou ficando com um menino que tem uma namorada e a gente (as duas meninas) se conhece’ aí o menino ficou com uma terceira e elas foram brigar com a terceira! Porque já era comum um menino ficar com duas! Foi muita discussão mesmo sobre gênero. Nas nossas conversas discutíamos muito do universo feminino: o que é essencialmente (...) do masculino e do feminino? A questão do prazer, o que eu tenho que fazer para ele. (...) A postura delas de: ‘fico quando ele quer ficar comigo e não quando eu escolho’. E se o educador era homem, era difícil rolar essa conversa. Não se sentiam a vontade para (...) tratar da relação sexual, da afetividade com menino, do cuidado com o corpo... nunca falariam com liberdade, e profundidade se um menino estivesse no grupo. É a fase de querer saber como funciona o sexo, nem sabem como fazer pergunta... será que dói? O que eu tenho que fazer? Como meu corpo tem que estar? Formas de ato sexual, como sexo oral (...).”

Segundo Ary Potyguara, para os meninos:

“foi muito importante ter um grupo só de meninos porque puderam falar da vivência da sexualidade do ponto de vista do homem: como faz, dúvidas sobre penetração, domínio e poder. E o assunto surge de modo espontâneo ao assistirem uma cena de ato sexual num filme. O clima espontâneo fez com que a conversa fluísse naturalmente, tocando em dúvidas e ansiedades masculinas que não são trazidas à tona na presença de uma menina ou em palestras sobre o assunto”.

3. Inclusão e exclusão

O Grupo tem a duração de 18 meses. A inclusão das crianças é feita somente por indicação dos funcionários da ACER. Não é feita uma seleção aberta à comunidade, pois é preciso ter alguns cuidados tais como já estar estabelecido o vínculo afetivo do educador com a criança antes dela entrar no grupo e as necessidades serem compatíveis. Todos os participantes devem ser incluídos no momento de formação do grupo. Absolutamente nenhuma criança pode ser excluída do grupo, salvo exceções previamente discutidas em equipe de coordenação pedagógica e autorizada pelo (a) coordenador (a) do Núcleo de Assistência Social.

4. Término do grupo ou saída de um membro

Uma criança pode escolher sair do grupo antes do seu término, pois seus interesses mudam com a idade e eles expressam isso cotidianamente nas atividades. Aprendemos que esta atitude é natural já que a criança agora começa a participar de forma saudável de outros grupos. Mas uma criança não pode ser desligada pelo educador por ter atingido o

desenvolvimento esperado por pelo menos três motivos: a) é preciso olhar para o desenvolvimento do grupo e para a influência positiva desta criança nos outros participantes; b) se a criança não está pedindo para sair é porque não atingiu ou não reconheceu a autonomia; c) é necessário considerar que este grupo pode ser ainda o único espaço saudável da vida da criança.

5. Monitoramento

Para acompanhar o desenvolvimento das crianças participantes, realizamos as seguintes estratégias:

- Discussão em equipe - Uma vez por mês está previsto espaço para discussão pela equipe técnica sobre cada grupo existente;
- Acompanhamento Técnico Individual - uma vez por semana, o educador tem conversas individuais com a coordenação do Núcleo de Assistência Social.
- Aplicação do Instrumental JUCONI – um sistema de avaliação criado pela ONG JUCONI⁵ para avaliar o desenvolvimento psicossocial de crianças e suas famílias.

6. Exercício da autonomia saudável

Para exercitar a autonomia saudável, os participantes decidem junto com o educador as atividades e ações que serão realizadas. É o grupo, com a mediação do educador, que escolhe, planeja, executa, relata e avalia o que será feito nos encontros que acontecem duas vezes por semana, durante duas horas.

Pela experiência de Tânia Crespo:

“o planejar junto ajudava a ver o próprio sentido do grupo, pois era quando parávamos para pensar o que fazer, pensar porque fazer e porque estamos aqui. Quando começou a ficar difícil fazer esse planejamento vi que o grupo estava no fim. Porque o sentido do grupo para as participantes estava diferente. (...) O grupo começava com o que estava planejado: desenhar, fazer unha, brincadeira, etc. e naturalmente parávamos de fazer e ficávamos conversando, ninguém queria voltar a fazer a atividade planejada(...). O planejamento era também a oportunidade de mediar as relações nas negociações dos desejos (para definir as atividades que seriam realizadas): no início do grupo algumas meninas eram bem autoritárias, e outras não se colocavam. (Com o exercício do diálogo ao longo do tempo) elas percebiam que ‘ah, já fiz uma sugestão e não escutei tal menina, vou escutar, ouvir e acolher’. Tinha outra questão: a dos acordos e regras de convivência no grupo. (...) era inadmissível para o grupo não ser pontual, descumprir o horário, faltar (3 semanas

⁵ www.juconi.org.mx e www.juconi.org.ec

consecutivas), usar roupa curta. Quando isso acontecia, o grupo logo se colocava: 'vai ter que trocar de roupa'. Até mesmo se a roupa não fosse confortável, era questionado: por que está priorizando a aparência em vez de ficar confortável para brincar, correr, sentar no chão ou na cadeira? Todas essas regras foram criadas no começo do grupo, com elas junto".

Na experiência de Ary Potyguara, sempre houve muita mediação do educador no momento de negociação dos desejos dos diferentes meninos para decidir sobre as atividades. E o planejamento das atividades deste grupo passou por três momentos:

- a) o educador trazia 03 possibilidades de atividade que eles escolhiam. Ary tinha controle total de planejamento;
- b) o educador perguntava o que as crianças queriam fazer. Eles escolhiam as atividades e o Ary decidia a possibilidade de realizar;
- c) um combinado do desejo do grupo com o do educador. Um encontro eles escolhiam, outro o educador. Um exemplo desse momento é o combinado para ter um encontro para jogar videogame e jogos de internet e outro para participar do projeto "Janelas para o Mundo"⁶.

Este grupo tem uma trajetória específica: começa com atividades voltadas para brincadeiras, videogame, etc. Com as crianças na faixa etária dos 10 a 11 anos. Conforme crescem, mudam os interesses e assumem a realização do "Sabadinho", uma festa quinzenal com música, comida, um espaço seguro para socialização das crianças. Antes o "Sabadinho" era realizado pelo Grupo Terapêutico "Meninos da ACER" que também cresceram e mudaram os interesses, sinalizando o fim do grupo. Ao assumir a execução do Sabadinho, são diversos os momentos de negociação de desejo como pode ser visto na entrevista de Eduardo Ferreira (jovem frequentador da ACER) apresentada na conclusão deste trabalho.

7. Transformar os afetos nas relações

Os educadores do Grupo Terapêutico, ao mediar as relações interpessoais entre as crianças, possibilitam a vivência de outras formas de se relacionar através de afetos. Entendemos afeto como *"situação em que uma pessoa preocupa-se com ou cuida de outra pessoa ou que esta responde, positivamente, aos cuidados ou a preocupação de que foi objeto"*⁷.

Ary Potyguara foi educador social do grupo terapêutico "Menino Brincalhão" e exemplifica o aprendizado de uma nova forma de se relacionar através do estabelecimento de regras de convivência no grupo:

"Aprendi que tem uma história de vida por trás de cada um e isso se manifestava através da brincadeira. (...) havia um confronto das regras do grupo com as

⁶ O projeto "Janelas para o Mundo" foi realizado em parceria da ACER com o Instituto Gtech. Ele consistia em facilitar e estimular o intercâmbio e a aproximação de crianças e jovens de diferentes culturas, que residem em países distintos, para que conheçam outras formas de se relacionar com o mundo. A comunicação entre os grupos tem como princípio a livre utilização da Internet pelas crianças e jovens participantes do projeto, e a possibilidade de se fazer contato com qualquer região do mundo através do computador e da webcam".

⁷ Abbagnano, Nicola. Dicionário de Filosofia. SP: Martins Fontes, 1998. pág. 21.

minhas. O grupo estava acostumado a brincar na rua, se comunicavam gritando, todos falando ao mesmo tempo e ainda assim conseguiam se entender. Eu precisava de ordem de fala, que eles olhassem para mim. O acordo era que a brincadeira deveria acontecer ouvindo um ao outro e respeitando a regra do jogo. Os meninos não conseguiam se adequar às regras de ouvir um ao outro, olhar um para o outro, respeitar a dificuldade maior com uma habilidade. Eles não acreditavam que eu parasse o jogo no meio para conversar, por ex., para lidar com o menosprezo de um pelo outro. Palavrão neste primeiro momento eu permitia. Já era muita coisa para eu lidar como educador! Foi interessante ver que, para eles, jogar sem falar é muito difícil. Ficavam revoltadíssimos! A expressão deles era toda direcionada para a fala. Então, eu só permitia gesto, para que eles aprendessem a olhar para o outro, compreender o que ele estava dizendo sem falar e que a fala de um não era maior do que a do outro.”

Assim, se estabelece entre educador e criança, e também entre participantes, um vínculo de confiança, pois cada um sente atendidas as suas necessidades individuais de afeto: *“necessidade de ser compreendido, de ser assistido, ajudado nas dificuldades, seguido com olhar benévolo e confiante. Nesse sentido, o afeto não é senão uma das formas de amor”⁸.*

Tânia Crespo faz o seguinte retrato da sua experiência com o vínculo afetivo:

“o laço de confiança aumentava muito mais com essa estratégia (de grupo terapêutico). O sentimento de que no grupo podia se falar de tudo e se eu escuto uma outra criança falando do assunto eu tenho mais segurança para falar dele. E se essa outra não é adulto, a conversa fica mais espontânea, mais aberta, aumenta a coragem de se expor vendo que outra expõe e não acontece nada de mal com ela, ninguém rechaça, ninguém julga. (...) então, o clima que fica no grupo é de que todos compartilham seus problemas, suas experiências. E o compartilhar é terapêutico (...).”

Ela exemplifica com a história de G., uma das integrantes do Grupo “Universo Feminino”:

“Para G. participar do grupo foi vital num determinado momento de sua vida, quando foi abrigada e o pai denunciado por violência sexual. Ela naquela época nem brincava, nem brigava. Eu lembro que ao ser perguntada em que lugar você se sente bem na sua vida, ela respondeu: ‘só me sinto bem lá no grupo’. E isso me mostrou que o vínculo

⁸Idem, ibidem.

era com as meninas, não só comigo como educadora. E as meninas também perceberam isso porque durante um tempo passaram a apoiar, escutar, cuidar da G. Elas favoreceram a superação da experiência ruim vivida pela G. com apoio afetivo”.

8. Conclusão

Acreditamos que a melhor conclusão que poderia descrever os resultados dos Grupos Terapêuticos seja o breve relato de uma entrevista feita com Eduardo Ferreira, um jovem que participou de um Grupo Terapêutico: o “Menino Brincalhão, com o educador Ary Potyguara.

“Eu pensava: o Ary é alguém que pensa em mim, também posso pensar no outro”.

Eduardo Ferreira, hoje com 16 anos, começou no Grupo Terapêutico com 11 anos e morava com a mãe e dois irmãos. Começou a frequentar a ACER Capoeira⁹ e depois o Grupo Terapêutico. Não tinha histórico de abuso ou violência doméstica, mas dificuldade de relacionar-se com outras pessoas e autonomia excessiva: *“Eu era bem rebelde, subia nas prateleiras da biblioteca, xingava, era malcriado, eu queria ser sempre o maior. Podia vir qualquer um falar comigo, adulto, criança, que eu respondia malcriado. Com a capoeira e com o GT tem aquelas coisas de hierarquia, respeito. Daí eu comecei a mudar. Hoje eu sou mediador de leitura na Biblioteca e substituo o professor de vez em quando na Capoeira”.*

Segundo Eduardo, o que fez com que ele mudasse seu comportamento foi participar das duas atividades. Mais especificamente, ao participar do Grupo Terapêutico ele parou de brigar na escola, passou a pensar nos outros, transformou sua relação com os irmãos: *“o Ary conversava a questão do respeito, colocava exemplo claro do que ia ganhar no futuro, respondendo malcriado. Ele perguntava ‘qual o seu sonho no futuro?’ E o meu era ser médico. E ele falava ‘xii, vai ter que lutar muito, estudar muito’. Daí a gente respondeu ‘o que tem que mudar para ser no futuro’. Eu fiz aquela carta e aí fui mudando. Já tô quase lá!. (...) ‘Ele ia na nossa casa, conhecia a gente. E ele fazia assim: um briga, todo mundo paga. Daí para que não seja todo mundo que pague, você se controlava’.*

Antes do GT eu não estava nem aí para os outros. Comecei a pensar não só em mim, porque o Ary pensava na gente, pensava em nós. Eu pensava: o Ary é alguém que pensa em mim, também posso pensar no outro. Porque a gente tava conseguindo ir para frente, fazer atividade, fazer sabadinho, ir na chácara.

Eu era muito egoísta, eu sempre pedia coisa para minha madrinha só para mim. Um dia ela falou que ia comprar um celular para o meu irmão e eu não queria. Então, joguei no balde só para queimar o meu celular e ela ter que comprar outro para mim e não poder comprar para ele.

No Grupo Terapêutico e na capoeira eu aprendi a dividir as coisas. Porque na capoeira não tem Tatame para todo mundo, tem que aprender a dividir. No Grupo Terapêutico a gente tinha que negociar: quando o sabadinho lotava lá em cima, ninguém queria ficar aqui em baixo, queria ir com a galera se divertir. Mas alguém tinha que ficar na

⁹ A capoeira é uma arte marcial e dança de origem brasileira que além de movimentos tem a música e o canto como partes integrais. A ACER tem oferecido aulas de capoeira três vezes semanais para as crianças de 5 a 17 anos da comunidade em que trabalha reconhecendo sua alta potencial para socializar crianças e lhes dar o domínio do próprio corpo entre outros benefícios.

portaria, controlando a entrada. Então a gente dividia, ia trocando cada sábado ficava um na portaria.

No GT a gente não queria fazer o “Janelas para o mundo”. Ninguém queria fazer isso! A gente mentia para o Ary dizendo que estava fazendo e estava nos jogos da internet! O Ary ficava bravo, até que um dia dividiu o tempo: um dia para jogar videogame, outro para o “Janelas”. Mas era briga até chegar neste acordo!

Hoje com meu irmão eu divido mais, com minha bolsa de mediador da biblioteca eu dou metade para a minha mãe e com a outra metade compro coisa para mim. Mas tudo que eu compro para mim, eu compro para meu irmão. Se eu compro uma camiseta para mim, eu compro para ele.

No final da entrevista, Eduardo deixa um recado para educadores que têm grupos terapêuticos:

“Diz para eles acreditarem que as crianças têm jeito de mudar! O GT realmente ajuda a mudar de atitude. Eu falo isso porque eu já fui um que jogava papel, subia nas prateleiras... e agora eu sou mediador da biblioteca, substituo o Prof. na Capoeira de vez em quando. E quero fazer faculdade de medicina”.